

**O PAI DA FILOSOFIA HERMENÊUTICA ENTRA SEXTA-FEIRA EM SEU SEGUNDO SÉCULO:
AQUI ESTÁ O QUE ELE NOS ENSINOU***

Gianni Vattimo

*Tradução: Raimundo José Barros Cruz***

Os verdadeiros mestres são, provavelmente, aqueles dos quais não podemos dizer o que se aprendeu com eles, embora sejamos cientes de uma enorme dívida humano-intelectual para com os mesmos. Gadamer é - para mim, mas acho que também para muitos outros - um mestre desse gênero. Gadamer me ensinou, mais do que determinado conteúdo, uma postura mental, e em geral, um modo de ser. A sua exemplar personalidade "goethiana" – equilibrada, sem rigidez, aberta ao diálogo, o qual chamou de "fusão de horizontes" – explica-se (em um nível teórico) com o fato de que ele se sente conduzido e apoiado por aquilo que para Hegel é o "espírito objetivo"; se desejamos, a partir da história da cultura em que se move como no seu elemento. Provavelmente, é esta atitude geral (ou este comportamento geral) que o distingue até mesmo de seu mestre Heidegger. Uma atitude que tem obviamente, raízes temperamentais (penso que no "homem de bom caráter", de Nietzsche). Mas há, obviamente, mais do que isso. Parece-me que um aspecto característico, trazido da leitura que Gadamer deu à filosofia de Heidegger - o que Habermas chamou, com muitas e boas razões, de urbanização da "província Heideggeriana" – seja precisamente o fato de não compartilhar com a concepção que Heidegger tem da história da metafísica grega. E, conseqüentemente, a história do Ser como a história da metafísica e do seu fim. Eu tento resumir: Se em Gadamer, e sua ontologia hermenêutica, não existe o tom frequentemente apocalíptico de Heidegger, isso depende da diferença de personalidade que o separa de seu mestre e do fato de que, também por essa diferença, Gadamer é e continua

* Traduzido do italiano ["Il padre della filosofia ermeneutica entra venerdì nel suo secondo secolo: ecco che cosa ci ha insegnato". In: La Stampa - 9 febbraio 2000.

** Graduado em Filosofia (URI/UPF), Teologia (ITEPA), Música (UPF) e Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo.

a ser um “humanista” – no sentido da *Humanae Litterae*, e também no sentido metafísico-epocal que Heidegger critica na sua Carta sobre o Humanismo, 1946. Por isso não consegue levar a sério a idéia de que devemos deixar aquela herança clássica grega antes de tudo platônica, que para Heidegger representa um dos momentos-chave do esquecimento do ser que conduziu o pensamento metafísico ocidental a identificar o ser com os objetos do conhecimento científico e da manipulação tecnológica. Não só isso: na visão de Platão como responsável pelo esquecimento do ser que cresceu na metafísica ocidental até Nietzsche; corresponde em Heidegger também ao culto à palavra original dos pré-socráticos, como se fosse possível ver na aurora do pensamento ocidental uma possibilidade “autêntica” que depois viria a ser obscurecida e esquecida exatamente pela história da verdade como objetividade mensurável. Gadamer não me parece haver nunca levado em consideração a posição de Heidegger – da qual de resto, também a mim não parece que se possa obter grandes resultados. Se houvesse uma verdade originária não-metafísica nos pré-socráticos, deveríamos pensar que aconteceu, historicamente, uma experiência “direta” do ser – precisamente do tipo que a metafísica da presença sempre alegou possuir. Se aconteceu uma tal experiência direta, poderia muito bem acontecer novamente, talvez com a ajuda de uma transformação político-epocal – precisamente aquela que Heidegger pareceu reconhecer no nazismo ao menos num momento de sua vida. Se essas hipóteses não vivem de ar, então a atitude de distanciamento que Gadamer manifesta em relação a Heidegger, interprete dos gregos (principalmente dos pré-socráticos e de Platão), é uma expressão da formação humanista de Gadamer e de sua atitude geral, menos trágica e apocalíptica, e mais confiante na história do espírito objetivo do que era Heidegger. Mas é também um aspecto significativo da sua “urbanização” da província heideggeriana, que representa uma precisa direção de desenvolvimento do legado do mestre. Esta urbanização não é livre de dúvidas e problemas. Por exemplo: até que ponto devemos aceitar, como expressão de um “bom temperamento” o distanciamento de Gadamer em relação à idéia heideggeriana da história da metafísica ocidental como esquecimento do ser? Se seguimos Gadamer por esse caminho parece que o problema do pensamento de hoje é apenas aquele de opor ao cientificismo dominante uma mentalidade mais aberta à experiência da verdade das ciências do espírito – em resumo uma filosofia da cultura que compreenda e dirija a ciência e a técnica do ponto de vista do logos entendido como consciência comum da comunidade, diálogo, tolerância,

enraizamento na tradição. É possível, contudo, seguir as indicações “urbanizantes” de Gadamer sem renunciar ao ideal heideggeriano de uma “reviravolta” na história do ser que efetivamente alcance alguns dos aspectos daquilo que para ele era, embora problemático, o transpassamento da metafísica? Se trataria em suma, para mim, de uma urbanização menos conciliadora e menos respeitosa do que a existente. Novamente poderia parecer apenas uma questão de temperamento: Gadamer de personalidade goethiana, grande humanista e, portanto, também implicitamente muito cético, em contraste com Heidegger que seria sempre no fundo, um existencialista com inclinações ao trágico, e sempre tentado, (como na época de adesão ao nazismo), a confundir o transpassamento da metafísica com uma reviravolta histórico-política destinada fatalmente a esquecer a diferença do ser em relação ao ente e a contingência histórica (bem como a democracia)? Gadamer estria de acordo, ao menos, em reconhecer que, para aqueles que se formaram sob sua orientação e com base em textos de Heidegger, não se trata tanto de escolher entre dois diferentes mestres, mas de encontrar uma forma de conciliação e síntese. Uma espécie de “terceira via” que poderia apresentar-se como uma não infiel continuação do pensamento do mestre da “fusão de horizontes”.